

NÓSE A GENTE SOB UM NOVO OLHAR: ESTRATÉGIAS DE CONCORDÂNCIA DE GÊNERO E NÚMERO

Juliana Barbosa de Segadas Vianna*
Universidade Federal do Rio de Janeiro
PIBIC/CNPq

Resumo: Este trabalho investiga as diferentes estratégias de concordância das formas nós e a gente tendo em vista os traços de gênero e número. O corpus utilizado é composto por entrevistas com falantes de escolaridade média – 1º e 2º graus basicamente – e sua escolha visou à comparação com os resultados obtidos por Lopes (1999) com base em uma amostra de falantes cultos.

1 - Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar as estratégias mais produtivas, com relação aos traços de gênero e número, nas construções em que as formas pronominais *nós* e *a gente* concordam com uma forma adjetival ou participial. Entre os falantes cultos, Lopes (1999) verificou que *a gente* ao se gramaticalizar passa a se comportar como os outros pronomes pessoais e torna-se subespecificado semanticamente quando ao gênero, tendendo a combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino a depender do contexto extralingüístico. Com base no *corpus* do Projeto NURC-Rio, constata que há apenas duas possibilidades de co-ocorrência de *a gente* em estruturas predicativas, quais sejam: masculino-singular – referente [misto], [genérico] ou [homens-exclusivo] – e/ou feminino-singular – referente [mulheres-exclusivo]:

- a. *a gente* está acostumado
- b. *a gente* está acostumada

A concordância no plural só foi atestada com o sujeito *nós* pleno ou nulo:

- a. *nós* estamos acostumados
- b. *nós* estamos acostumadas

Partindo desses resultados, pretende-se, com base na amostra Censo/Peul-Rio:

- a) identificar se outras estratégias de concordância com *nós* e *a gente* são empregadas entre os falantes com menor grau de escolaridade;
- b) observar quais os padrões mais produtivos e freqüentes;
- c) analisar as diferentes estratégias de concordância das formas *nós* e *a gente*, a partir da discussão da aparente incompatibilidade entre os traços formais e semântico-discursivos de formas pronominais que se gramaticalizam, como é o caso de *a gente*;
- d) verificar se houve mudança no comportamento da comunidade em *tempo real de curta duração* no que se refere à generalização do uso do masculino-singular como forma não-marcada entre as mulheres.

* Aluna da UFRJ, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq, sob orientação da professora Célia Regina dos Santos Lopes, e participante do Projeto PHPB-RJ / *Novas formas pronominais pessoais no português: percurso histórico*.

2- Hipóteses básicas

A gramaticalização da forma *a gente* acarretou perdas e ganhos em termos das suas propriedades semântico-formais primitivas, por conta do processo de mudança categorial sofrido. Nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, assim como não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais. A forma gramaticalizada mantém do nome *gente* o traço formal de 3ª pessoa ou [Ø eu], nos termos de Lopes (1999), embora acione uma interpretação semântico-discursiva de 1ª pessoa [+EU]. Mesmo que o verbo em concordância com *a gente* permaneça na 3ª pessoa do singular, se pressupõe a existência de um *falante + alguém*, numa frase do tipo *a gente; gosta de andar na nossa; bicicleta*.

Em Lopes (1999) estabeleceu-se um controle da combinação de *a gente* e *nós* com estruturas predicativas com base em um *corpus* de falantes cultos. Procurava-se, naquela ocasião, testar empiricamente a mudança no sistema de traços formais e semânticos na passagem de nome para pronome. Segundo tal proposta, com a entrada no sistema pronominal da forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo teria se perdido, tornando-se *default* ou neutra [Øfem]. Entretanto, no que diz respeito à interpretação semântica, a forma *a gente* pronominalizada passaria a ser semanticamente subespecificada, tendo uma certa relação com o traço formal presente em predicativos. O fato de *a gente*, variante de *nós*, pressupor *o falante e mais alguém* permitiria várias possibilidades interpretativas ao estabelecer a concordância com adjetivo em estruturas predicativas. A combinação com formas no feminino-singular e/ou plural são restritivas. No primeiro caso – feminino-singular – o emissor é necessariamente um indivíduo do sexo feminino, no segundo – feminino-plural – há mais de um emissor, ambos também do sexo feminino. Com o masculino, a interpretação é mais neutra. No singular, o referente pode ser um indivíduo do sexo masculino, um grupo misto ou uma referência genérica e abrangente. No masculino-plural, pode-se fazer referência a grupos mistos e a duas ou mais pessoas do sexo masculino e/ou feminino.

As hipóteses que nortearam a pesquisa são basicamente os resultados obtidos por Lopes (1999), com base nos dados de falantes cultos, apresentados a seguir:

- a) A concordância com o masculino é mais produtiva quando o referente é [misto] ou [genérico], e categórico quando é [homens-exclusivo].
- b) A concordância com o feminino é mais produtiva quando o referente é [mulheres exclusivo], prevalecendo a combinação com *a gente* no singular e *nós* no plural: *a gente está ocupada* e *nós estamos ocupadas*.
- c) Com referente [genérico ou abstrato] prevalece o uso de *a gente* concordando com o masculino singular, entre homens e mulheres.
- d) Entre homens e mulheres a concordância com o masculino singular favorece *a gente* e com masculino plural favorece *nós*.

3 – Pressupostos teórico-metodológicos e *corpus* utilizado

Adotando os pressupostos da Sociolinguística quantitativa laboviana, utilizou-se o programa computacional de regras variáveis denominado VARBRUL, visando

exclusivamente o controle da distribuição do percentual das ocorrências, uma vez que não estamos tratando aqui de formas variantes perfeitas no sentido laboviano. Seguindo tal perspectiva, foram levantados dados de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas a partir de dois *corpora* do Projeto Censo/Peul (*Censo da Variação lingüística no estado do Rio de Janeiro e Programa de Estudos do Uso da Língua*), coletados em épocas distintas. O primeiro, constituído por entrevistas feitas no início da década de 80, engloba 21 inquéritos, 14 de informantes do sexo feminino e 7 do sexo masculino, distribuídos por diferentes faixas etárias. O segundo conjunto de dados corresponde a novas entrevistas realizadas no final da década de 90 e é composto por 36 inquéritos: 19 informantes do sexo feminino e 17 do sexo masculino. Tais *corpora* são organizados com base em três dimensões de estratificação: sexo (homens e mulheres), faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (1º e 2º graus).

Além desse panorama geral das estruturas predicativas na totalidade dos dados, apresentaremos ainda os resultados de um estudo *em tempo real de curta duração*. Este estudo pretende demonstrar o comportamento da comunidade em dois momentos distintos – início da década de 80 *vs* final da década de 90 – através do confronto da fala de informantes diferentes. O estudo de tendências (*trend study*), proposto por Labov (1994), pressupõe a reaplicação do mesmo método passado um certo número de anos, utilizando-se os mesmos critérios de distribuição da amostra populacional, o mesmo tipo de entrevista, enfim, idênticas técnicas de recolha de dados em dois marcos de tempo distintos. Sendo assim, através da comparação dos usos de *nós* e *a gente* nessas duas amostras com indivíduos diferentes, torna-se possível evidenciar se a comunidade muda ou não de comportamento.

4- Resultados obtidos

4.1 - As estratégias de concordância de gênero e número com *nós* e *a gente*

Com base na amostra Censo/Peul-Rio – falantes com menor escolaridade, basicamente 1º e 2º graus – embora predomine o singular com *a gente* e o plural com o pronome *nós*, além da variação de gênero, é possível verificar outras possibilidades de concordância, principalmente no masculino, como poderá ser visto na tabela 1. Vejamos os exemplos das 4 estratégias encontradas no *corpus*:

a) Com a forma *a gente*.

(01) FEM-SG

que a gente não sabe... fica atordoada sem saber o que fazer. (dado 49, M4, 1º grau)

(02) FEM-PL

a gente... entrava as três juntos. (dado 56, M2, 1º grau)

(03) MASC-SG

Agente fica irritado (dado 27, H3, 1º grau)

(04) MASC-PL

se a gente é, vivê a vida, né? Seguir juntos, né? (dado 144, H3, 1º grau)

b) Com a forma *nós*:

(05) FEM-SG

que nós somos uma amiga mesmo, sabe? (dado 182, M2, 1º grau)

(06) FEM-PL

até andávamos juntas? (dado 58, M2, 1º grau)

(07) MASC-SG

nós que tamos vivo, tamo sujeito a tudo ? (dado 20, H4, 1º grau)

(08) MASC-PL

nós távamos perdidos ? (dado 42, H4, 1º grau)

<i>Formas pronominais/ estratégias de concordância</i>	<i>FEM SG</i>	<i>FEM PL</i>	<i>MASC SG</i>	<i>MASC PL</i>
<i>Nós</i>	2/123 2%	11/123 9%	42/123 34%	68/123 55%
<i>A gente</i>	22/100 22%	1/100 1%	74/100 74%	3/100 3%
TOTAL	24/223 11%	12/223 5%	116/223 52%	71/223 32%

Tabela 1- Estratégias de concordância de gênero e número com *nós* e *a gente*.

Na tabela 1, observa-se que há maior frequência da concordância no masculino-plural (55%) com a forma *nós*. Com a forma *a gente*, por sua vez, nota-se um uso mais relevante do masculino-singular (74%), dado o caráter mais específico do primeiro e genérico do segundo. É importante ressaltar ainda que, diferentemente do encontrado entre os falantes cultos, constata-se, nesta amostra, um uso significativo do masculino-singular combinando-se com o pronome *nós* (34%). Os exemplos abaixo ilustram tal uso:

(09) *Então, nós é que vamos ser prejudicado* (dado 170, H3, 1º grau)

(10) *... ficamos preso no quarto com a arma na cabeça do meu filho* (dado 48, M3, 1º grau)

(11) *E nós fomos todos nascido, criado aqui* (dado 25, M4, 1º grau)

(12) *... nós tomamos rico* (dado 155, H3, 2º grau)

4.2– O controle do referente vs. estratégias de concordância

A partir das constatações supracitadas, resta-nos explicitar que fatores estariam determinando tais escolhas, uma vez que entre os homens é categórico o uso do masculino, com variação de número, ao passo que é entre as mulheres que se encontra a possibilidade de variação, como pode ser observado na tabela 2 :

Sexo (gênero) x estratégias de concordância	<i>FEM</i> <i>SG</i>	<i>FEM</i> <i>PL</i>	<i>MASC</i> <i>SG</i>	<i>MASC</i> <i>PL</i>
Homens	Ø	Ø	79/115 69%	36/115 31%
Mulheres	24/108 22%	12/108 11%	37/108 34%	35/108 33%
TOTAL	24/223 11%	12/223 5%	116/223 52%	71/223 32%

Tabela 2- Estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo.

Um dos fatores que pode elucidar a questão é o maior ou menor grau de determinação do referente controlado a partir de uma distribuição tipológica proposta em Lopes (1999):

- Referência genérica/abstrata: quando o falante reporta-se a uma categoria generalizada, do tipo os jovens, o povo, etc, ou a um grupo indeterminado de pessoas;
- Referente misto, incluindo homens e mulheres: diferente do referente genérico ou abstrato, considera-se como misto quando, no contexto discursivo, fica implícito que o falante tem em mente um grupo de pessoas específico que necessariamente engloba homens e mulheres;
- Mulheres (exclusivo): referente inclui apenas pessoas do sexo feminino;
- Homens (exclusivo): referente inclui apenas pessoas do sexo masculino.

A tabela 3 sintetiza os resultados da correlação do controle do referente com as estratégias de concordância utilizadas com *a gente* e *nós*.

Referente/ estratégias de concordância	<i>FEM- SG</i>		<i>FEM- PL</i>		<i>MASC- SG</i>		<i>MASC- PL</i>	
	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>
Homens (exclusivo)	Ø	Ø	Ø	Ø	20/20 100%	12/22 55%	Ø	10/22 45%
Mulheres (exclusivo)	11/14 79%	1/12 8%	1/14 7%	11/12 92%	1/14 7%	Ø	1/14 7%	Ø
Misto	5/35 14%	1/67 1%	Ø	Ø	29/35 83%	22/67 33%	1/35 3%	44/67 66%
Genérico	6/31 19%	Ø	Ø	Ø	24/31 77%	8/22 36%	1/31 3%	14/22 64%

Tabela 3- Controle do referente vs. estratégias de concordância.

Quando o referente é homens-exclusivo, nota-se que as estruturas predicativas não variaram quanto ao gênero, somente com relação ao número. Com *a gente* o singular é categórico, talvez por designar mais comumente um todo abstrato e genérico. A forma *a gente* pronominal acarreta mais freqüentemente a combinação com o singular e não com o plural pelo fato de sua referência conceptual ser uma massa indeterminada de pessoas disseminada na coletividade – com o *eu* necessariamente incluído.

Com o pronome *nós*, entretanto, diferentemente do que foi identificado entre os falantes cultos, ocorre tanto o singular quanto o plural. É interessante observar a alta produtividade das estratégias no masculino-singular (55%) combinando-se com a forma *nós*, entre falantes com menor nível de escolaridade. Todos os dados encontrados são relativos a falantes com 1º grau (concluído ou não), o que pode ter determinado a tendência a não-concordância.

- (13) *aí ficamos parado, frustrado...* (dado 43, H4, 1º grau)
- (14) *Saímos junto, eu já disse, não é?* (dado 166, H2, 1º grau)
- (15) *Nós, os jogadores, somos preso sob contrato...* (dado 172, H4, 1º grau)
- (16) *E nós fomos jogar previnido!* (dado 174, H4, 1º grau)
- (17) *Não pudemos saltar porque...que era obrigado a tomar injeção para poder saltar...* (dado 211, H4, 1º grau)
- (18) *Fomos tudo orientado assim, mas tudo sigilosamente, não é?* (dado 212, H4, 1º grau)
- (19) *Ficamos muito amigo e tal...* (dado 213, H4, 1º grau)
- (20) *Nós fomos muito amigo. Então, a gente formamos um trio.* (dado 214, H4, 1º grau)

No caso do referente mulheres-exclusivo, verificou-se que com *a gente* há o predomínio do feminino-singular (79%), ao passo que com o pronome *nós* prevalece o feminino-plural (92%). Localizou-se apenas um exemplo no masculino-singular e um no masculino-plural, em ambos os casos correlacionando-se à forma *a gente*. Ressalte-se que as duas ocorrências mencionadas não representam estruturas predicativas canônicas, pois, como pode ser observado em (21), a forma *junto* poderia assumir um valor adverbial neutro, em lugar do valor adjetival que caracteriza a estrutura predicativa.

- (21)... *a gente sempre vinha junto até uma parte do caminho, não é?* (dado 175, M2, 1º grau)
- (22) *a gente... entrava as três juntos.* (dado 57, M2, 1º grau)

Quando o referente é misto (incluindo homens e mulheres) ou genérico (grupo indeterminado de pessoas), há o predomínio de estruturas predicativas no masculino que seria o valor *default* ou não-marcado para o gênero. Os resultados mostram-se semelhantes com uma certa distribuição complementar no que se refere ao número:

- predomínio de *a gente* no singular (83% referência mista e 77% referência genérica).
- predomínio da forma *nós* no plural (66% referência mista e 64% referência genérica).

Empiricamente, constatou-se que:

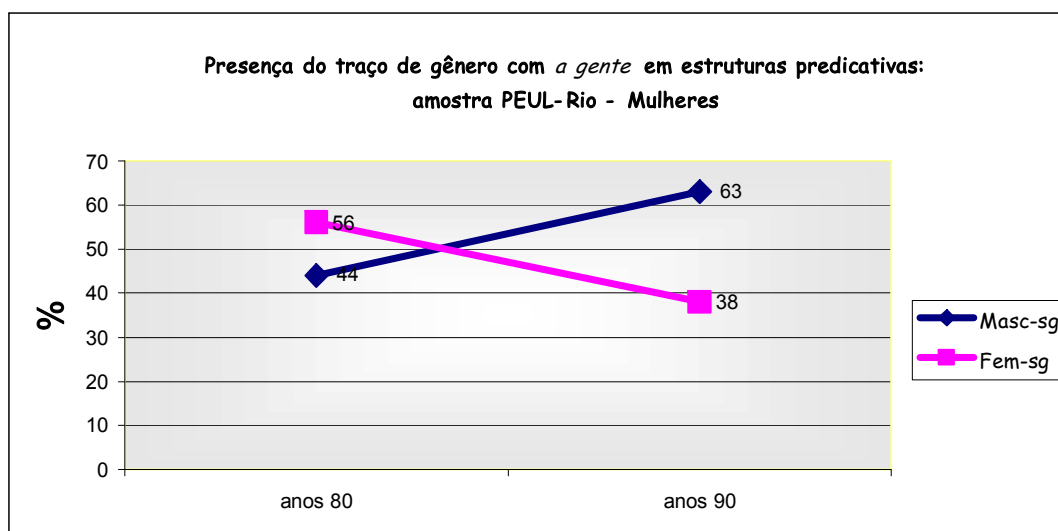
- a) A concordância com o masculino é categórica quando o referente é [homens-exclusivo], e altamente produtiva quando o referente é [misto] ou [genérico].

- b) A concordância com o feminino é mais produtiva quando o referente é [mulheres-exclusivo], prevalecendo a combinação da forma *a gente* com o singular e do pronome *nós* com o plural.
- c) Com referente [misto] ou [genérico] prevalece o uso de *a gente* concordando com o masculino-singular e de *nós* concordando com o masculino-plural.
- d) Entre homens e mulheres a concordância com o masculino singular favorece *a gente* e com o masculino plural favorece *nós*.

4.3 - A variação da concordância de gênero entre as mulheres em um estudo de tendências: a generalização do [masc-sg] com *a gente* na curta duração

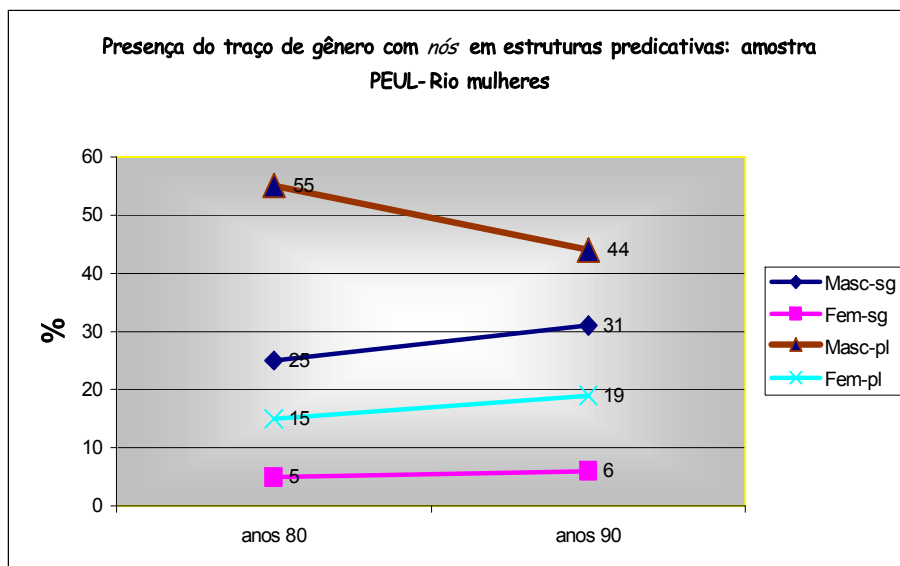
Embora não se possa caracterizar os resultados a seguir como um estudo de tendências *stricto sensu*, em função da má distribuição da amostra e do número irrisório de dados, estabelecemos uma oposição binária entre os dados da década de 80 e os referentes ao final da década de 90 com informantes diferentes (mulheres) para análise do *comportamento da comunidade*.

Interessa-nos analisar, principalmente, o comportamento das mulheres porque só elas apresentam variação de gênero, uma vez que podem utilizar a concordância tanto com o feminino quanto com o masculino, como observado na tabela 2. Entre os homens, a concordância com o masculino é obrigatória. Por essa razão, a título de ilustração, estabelecemos um cruzamento entre o traço de *gênero* formal e a *década* para identificar se houve ou não mudança de comportamento das mulheres na curta duração com relação à variação de gênero em estruturas predicativas com *nós* e *a gente*. O gráfico 1 apresenta os resultados de concordância com *a gente*.



A ascendência do traçado da linha referente ao [masc.-sg.] evidencia uma mudança de comportamento das mulheres na curta duração. Aparentemente há uma inversão, o masculino-singular generaliza-se de uma década para outra como a forma mais produtiva (de 44% nos anos 80 para 63% no final da década de 90), suplantando o emprego do [fem.-sg.] que sofre

uma queda significativa de 56% para 38% vinte anos depois. O caráter genérico de *a gente* talvez tenha impulsionado o emprego da forma masculina não-marcada.



Com a forma *nós*, entretanto, o comportamento é outro como pode ser visto no gráfico 2. Nesse caso, o traçado das linhas nas duas décadas caracteriza um comportamento estável e não uma mudança de comportamento como observado no gráfico referente à forma *a gente*. Combinando-se com o pronome *nós*, os predicativos no masculino mantêm-se com os maiores índices de freqüência entre as mulheres na curta duração, preferencialmente no plural. Na comparação das duas décadas, podemos perceber uma queda no uso do masculino-plural e um leve aumento no uso do masculino-singular, embora o uso do masculino-plural permaneça mais freqüente. A explicação para tal fato decorre do próprio caráter [+definido] do pronome *nós* que, por pressupor necessariamente *eu + alguém*, leva mais freqüentemente o predicativo para o plural, porque o conceito de *mais de um* é inerente à sua estrutura conceptual.

5. Considerações finais

Em síntese, verificamos que os resultados obtidos por Lopes (1999) com falantes cultos – hipóteses básicas -- confirmam-se em nossa amostra com diferenças estatisticamente pouco relevantes. Embora tenhamos localizados as 4 estratégias de concordância com *a gente* e, o singular não tenha sido considerado categórico, como observado entre os falantes cultos, os exemplos de concordância no plural são raríssimos e não seriam consideradas estruturas predicativas em sua forma canônica.

A maior diferença de comportamento identificada a partir da amostra Censo/Peul-Rio, em relação aos resultados com base na amostra NURC-RJ, parece estar no uso do masculino-singular que se generaliza combinando-se tanto com *nós* como com *a gente* em ambos os sexos. Tal comportamento pode sugerir que o masculino, por ser a forma neutra e não-marcada, tem se generalizado como *default*, principalmente quando a referência é inespecífica: referente [misto] ou [genérico].

Por fim, a análise na curta duração evidencia uma mudança de comportamento das mulheres. O caráter genérico e indeterminado de *a gente* pode estar condicionando um uso maior de estruturas predicativas com o masculino-singular (forma não-marcada em português) nos últimos vinte anos.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes.
- COSTA, J.; Moura, D. & Pereira, S. (s/d) *Concordância com a gente: um problema para a teoria de verificação de traços*. Lisboa, mimeo.
- LABOV, William (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, Oxford, Blackwell.
- LOPES, Célia Regina dos Santos (1993). *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ.
- _____. (1999). *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese de doutorado, Faculdade de Letras/Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- OMENA, Nelize Pires (1986). *A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural*, in: NARO, A. J. et alii. *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2:286–319.
- PAIVA, Maria da Conceição de (Org.) (1999). *Amstras do Português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Pós-Grad. em Lingüística/Fac. Letras/UFRJ/CAPES.
- VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas & LOPES, Célia Regina dos Santos (2002). *Nós e a gente na sincronia: correlação entre os traços formais e os semântico-discursivos*. in: *Anais do V CELSUL - Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*. Curitiba, UFPR (a sair).